

Marina Queiroz Corrêa

**Grupaldades e afetos engendrados na criação, condução e acontecimento de uma
*clínica-poética***

Uberlândia

2021

Marina Queiroz Corrêa

**Grupalidades e afetos engendrados na criação, condução e acontecimento de uma
*clínica-poética***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Juliana Soares Bom-Tempo

Uberlândia

2021

Marina Queiroz Corrêa

**Grupaldades e afetos engendrados na criação, condução e acontecimento de uma
*clínica-poética***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia de Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Juliana Soares Bom-Tempo

Banca Examinadora

Uberlândia, 22 de fevereiro de 2021.

Prof^a. Dra. Juliana Soares Bom-Tempo

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Prof^a. Dra. Marciana Gonçalves Farinha

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Mestranda Giovanna Paula Menezes

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Uberlândia

2021

AGRADECIMENTOS

À minha mãe por todo amor, cuidado e incentivo para que eu valorizasse a educação e estivesse em uma universidade pública, o que me abre caminhos.

Ao meu pai por todo amparo para que fosse possível estar concluindo uma graduação.

Às minhas irmãs Luisa e Laura pela parceria ao longo da vida ao construirmos juntas nosso espaço seguro para questionamentos, aceitação, lutas e sonhos.

À Karine por atravessar comigo tantas aventuras, por ser companhia que encoraja, por trazer poesia para aquilo que antes estava em mim de modo mecânico, por colocar dúvidas naquilo que antes para mim era seguro, por me desestabilizar e, assim, me levar ao movimento.

À equipe e aos participantes do projeto de extensão *Por uma clínica-poética*, por a cada encontro me abrirem às sensibilidades e me proporcionarem a experimentação de uma nova corporalidade. Pelos olhos nos olhos, a escuta, o cheiro, o tato, a dança, a poesia, a presença. Por me abrirem apetites ao mesmo tempo que alimentam minha existência.

À professora Juliana Bom-Tempo pelo acolhimento imediato e abertura a ensinar o conhecimento que constrói, por acreditar, por oferecer um olhar atento e um cuidado certo às minhas fragilidades, por mostrar como é agir com o coração e assim, me encher de coragem. Por todas as palavras e experimentações, sensíveis ou cruéis demais, que me abrem os olhos para uma vida que interessa ser vivida. Grata.

Aos meus amigos e minha companheira Laryssa pelo acolhimento necessário em meio ao caos e por me potencializarem a cada encontro.

RESUMO

Este é um trabalho cartográfico a respeito de vivências no projeto de pesquisa e extensão *Por uma clínica-poética* da Universidade Federal de Uberlândia, se atentando as grupalidades existentes na criação, condução e no próprio acontecimento de seus encontros, entendendo os processos gestados como coletivos, dinâmicos e políticos. Dessa forma, teve como objetivo analisar o funcionamento de processos grupais que se constituem nas relações da equipe de trabalho e relações entre os participantes durante a preparação e execução dos procedimentos e operações efetuadas nos manejos da *clínica-poética*. Para isso, utilizou a cartografia enquanto método, trazendo afetos, memórias e atravessamentos da pesquisadora, equipe e participantes, durante o período de um ano e meio, por meio de relatos e anotações do que aconteceu a cada encontro. Ao longo do texto foram feitas descrições a respeito de como acontecem, são criadas e conduzidas as *clínicas-poéticas*, voltando a atenção às relações grupais engendradas nesses processos, junto às análises amparadas em conceitos da esquizoanálise. Neste trabalho, percebeu-se que nos processos grupais da equipe urgem haver aberturas à análise das homogeneidades e heterogeneidades que surgem a todo instante e uma comunicação direta sobre isso, visando não fomentar uma despotencialização e imobilização do trabalho em si mesmo dentro do grupo. Em relação aos processos grupais dos participantes, foi cartografado que há, por parte da equipe e dos envolvidos, um interesse em apostar no encontro, entendendo que as forças têm o potencial de circular dentro do grupo, já que todo processamento das forças, mesmo as mais individualizadas, é coletivo.

Palavras-chave: Grupalidade; Afetos; Clínica-poética; Cartografia.

ABSTRACT

This is a cartographic work about experiences in the research and extension project *Por uma clínica-poética* of the Universidade Federal de Uberlândia, looking at the existence of groupality in the creation, conduction and in the own happening of their meetings, understanding the processes generated as collective, dynamic and political. Thus, it aimed to analyze the functioning of group processes that are based on the relationships of the work team and on the relationships between the participants during the preparation and execution of the procedures and as operations performed in the handling of *poetic clinic*. For that, it was used cartography as a method, bringing affections, memories and crossings of the researcher, team and participants, over the period of one year and a half, through reports and notes of what happened at each meeting. Throughout the text, descriptions have been made of how *poetic clinics* happen, are created and conducted, turning attention to the group relations engendered processes, together with analyzes supported by concepts of schizoanalysis. In this work, it was noticed that in the team's group processes there is an urgent need for openness to the analysis of homogeneities and heterogeneities that arise at all times and a direct communication about it, not promoting a depotentialization and immobilization of work on yourself within the group. Regarding the group processes of the participants, it was mapped that there is, on the part of the team and those involved, an interest in betting on the meeting, understanding that the forces have the potential to circulate within the group, since all window processing, even the most individualized, it is collective.

Keywords: Groupality; Affections; Poetic Clinic; Cartography.

SUMÁRIO

1. Introdução: Primeiros encontros e apetites.....	8
2. Cartografia de afetos.....	17
3. O caráter clínico da experimentação no corpo de uma <i>clínica-poética</i>.....	19
4. Grupalidade na criação de uma <i>clínica-poética</i> e a busca pela poética das relações do coletivo.....	22
5. Grupalidade na condução de uma <i>clínica-poética</i> e em seu acontecimento nos espaços presencial e virtual em busca de uma circulação dos afetos.....	37
6. Considerações finais.....	44
Referências.....	46
ANEXO I.....	49

1. INTRODUÇÃO: PRIMEIROS ENCONTROS E APETITES

Pretendo¹ nessa introdução falar sobre como me encontro com o projeto *Por uma clínica-poética*² e elucidar, para quem lê, e, também, para mim mesma, o que abriu meu apetite para a realização desta pesquisa, além de introduzir questões importantes que vão ser discutidas ao longo do presente trabalho. Tal projeto é composto por um coletivo de pessoas que, levando em conta que os adoecimentos emocionais e os sintomas psicológicos se manifestam no corpo, pelo corpo e com o corpo, tem a proposta de intervir no corpo através de estratégias artísticas, políticas, poéticas e clínicas, para o cuidado em saúde, buscando construir uma jangada que possibilite a travessia do caos cotidiano. Em um primeiro momento, participei dos encontros como acompanhada e, depois, me interessei sobre os processos gestados na *clínica-poética* enquanto aprendiz.

No início do ano de dois mil e dezenove, estava no sexto período do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e dentre as diversas atividades acadêmicas das quais eu participava, a que mais abria meu apetite e ao mesmo tempo me alimentava era o projeto de extensão “Oficinas Terapêuticas Interdisciplinares” idealizado pelo Grupo *Dê Lírios*³, no qual eu realizava oficinas de expressão corporal junto a outras alunas de Psicologia e pacientes da Unidade de Internação em Saúde Mental do Hospital de Clínicas - UISM/UFU. Tal projeto atua dentro de um serviço da rede de saúde mental que mantém pacientes em crise internados e tem suas intervenções terapêuticas, em sua maioria, baseadas no modelo biomédico, buscando aquietar e conter os pacientes.

¹ Este texto foi redigido na primeira pessoa pois a pesquisa é perpassada por relatos de afetos e atravessamentos pessoais, se caracterizando como um relato de experiência cartográfico.

² Tal projeto se desdobra nos campos da pesquisa e extensão dentro da Universidade Federal de Uberlândia, sendo proposto e facilitado pela Prof.^a Dr.^a Juliana Bom-Tempo e uma equipe multiprofissional.

³ Coletivo de pessoas que realizam seu trabalho na saúde mental em interface com a arte, possuindo seu principal foco de atuação no projeto de extensão da Universidade Federal de Uberlândia em que são realizadas Oficinas Terapêuticas Interdisciplinares por meio dos estudantes dos cursos de graduação de diversas áreas, junto aos pacientes da Unidade de Internação em Saúde Mental do Hospital de Clínicas da universidade.

Esse contexto me fez enxergar nas oficinas, especialmente as de movimento corporal, uma potência importante no cuidado com os pacientes, mesmo entendendo algumas limitações desse trabalho naquele serviço, tais como: a dificuldade dos proponentes do projeto de articulação mais direta com a equipe do hospital, as queixas dos participantes que se enxergavam como impossibilitados de realizar as oficinas, e o controle sob os pacientes exercido pelas inúmeras regras presentes no ambiente hospitalar. Ainda assim, ali, naquele hospital, me conectei com um gosto já antigo por experimentar olhar conscientemente para meu corpo, na medida em que acompanhava os pacientes, mesmo com seus corpos enrijecidos em função dos efeitos secundários da medicação, tentando fazer os movimentos propostos pelas oficinas. Também ali, me emocionei estando com o outro, me indignei com as formas controladoras de cuidado, me senti grande no encontro com alguns pacientes e me senti pequena diante do trabalho pontual que realizávamos.

Ainda nesse semestre, por meio do grupo *Dê Lírios*, me envolvi na organização do I Seminário *Dê Lírios: Desafios da Luta Antimanicomial*⁴ e participando do evento, ouvi falas da professora Juliana Bom-Tempo⁵ e da psicóloga e acompanhante terapêutica Giovanna Paula Menezes⁶ em uma mesa chamada “Arte, saúde, corpo e esquizoanálise”, e, assim, conheci o trabalho realizado no projeto *Por uma clínica-poética*. Já sabia da existência dos encontros pela divulgação nas redes sociais, mas, apesar de notar que trabalhavam com recursos artísticos, não tinha me atentado que usavam fortemente de estratégias corporais. Ainda nesse evento, participei da oficina da *clínica-poética* e fui fisgada enquanto participante, pois durante o

⁴ Seminário organizado pelo Grupo *Dê lírios* e realizado na Universidade Federal de Uberlândia em 2019, viabilizado pela PROEX-UFU através do edital PIAEV-2019 (Programa Institucional de Apoio a Ações e Eventos de Extensão), visando propor reflexões a respeito dos aparatos jurídicos e práticas em saúde mental, por meio de atividades acadêmicas e artístico culturais.

⁵ Performer em processo e professora adjunta no Curso de Dança e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - PPGAC do Instituto de Artes (IARTE) na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É doutora em Educação pela FE-UNICAMP com o tema - Por uma clínica poética: experimentações em risco nas imagens em performance (2015) e Proponente e facilitadora do projeto de pesquisa e extensão Por uma Clínica-Poética.

⁶ Psicóloga, Acompanhante Terapêutica, mestranda no programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, integrante da equipe do projeto Por uma Clínica-Poética.

processo do encontro, me senti ao mesmo tempo curiosa, confusa, viva, incomodada e cuidada. Também, me senti atraída enquanto estudante, não tão contemplada até então dentro do Curso de Psicologia com relação às interfaces clínica e corpo, por enxergar ali, uma possibilidade de atuação em psicologia, sabendo que vários dos profissionais da equipe eram dessa área.

Nesse primeiro contato com a *clínica-poética*, por meio das experimentações artísticas propostas, ainda agora me lembro de ter experimentado um estado em meu corpo até então desconhecido ou esquecido, e que de uma forma estranha fazia sentido senti-lo. Era como se meu corpo estivesse mais aberto a todas as sensações que chegavam até ele, ao mesmo tempo que, contraditoriamente, recebia um contorno dessas sensações que o atravessava, sendo que umas vinham e iam embora rapidamente e outras permaneciam.

Também, me recordo que a forma com que me encontrei ali com os outros participantes, que eu mal conhecia, fez mais sentido do que aquilo que eu vivenciava em algumas de minhas relações com conhecidos. Vivenciei experimentações simples, mas que de algum modo rompiam com o esperado, ao olhar nos olhos dos outros; descrever uma mulher que fez dupla comigo sem conhecê-la; tocar e receber toques na pele de quem dançou comigo; ouvir e repetir em voz alta com os outros, em um ritmo não combinado, a frase “as folhas secas caíram” sem saber o porquê de se repetir; sentir o peso de uma pedra qualquer em cima de minha barriga; enxergar a minha e outras sombras na parede em diferentes tamanhos através de um jogo de luz; e, receber um abraço da professora Juliana Bom-Tempo, quando todos do grupo já haviam se juntado, e eu continuava ali sozinha a olhar pra minha própria sombra segurando um choro que não saía de minha garganta. Todo esse processo, composto pelas proposições descritas e outras, me gerou um grande estranhamento e abriu o apetite para tantas coisas que ainda não sabia o que eram.

Dessa forma, participei de outros dois encontros do projeto, quando foi possível em função dos meus horários⁷, e comecei a refletir sobre o quanto, em todas as vezes, a experiência atravessava de forma intensa meu processo de autocuidado e autoconhecimento, me interessava na forma com que abordava a concepção de saúde e de adoecimento, me ampliava o olhar sobre a possibilidade de uso da arte e do corpo no processo clínico, me surpreendia na capacidade de manejo certo quando necessário, entre tantas outras afetações. Estas, cada vez mais, deixavam em mim uma espécie de inquietação que me convocava a estar ou querer estar ali novamente.

Assim, entendi mais tarde que tais incômodos eram produzidos propositalmente na *clínica-poética* junto à concepção de saúde que esta se implica. Tais incômodos se aproximam da concepção de saúde junto àquilo que Suely Rolnik (1993) define como “marcas”, que são novos estados produzidos nos corpos quando fluxos invisíveis se movimentam em idas e vindas, nos desestabilizando e gerando novas composições e decomposições, que vão exigir a criação de uma nova corporalidade para sustentar essa existência iminente. Segundo a autora, essas marcas causam uma violência no corpo ao nos desestabilizar, mas também provocam uma possibilidade de afirmação da potência da nossa própria existência.

A concepção de saúde que ampara a *clínica-poética* não tem relação com uma saúde imóvel e adaptada dos corpos, mas, distante disso, se refere a capacidade do corpo de criar e afirmar a si próprio dentro do jogo de fluxos desejanter, titubeantes e invisíveis, suportando as forças que atravessam os corpos ao se estar vivo. Dessa forma, com uma prudência construída na própria vivência, “uma prudência das doses” (Deleuze & Guattari, 1996), algumas experiências propõem uma abertura dos corpos e, com isso, a ruptura e quebra de formas até então organizadas, que podem proporcionar o aumento de potencialidades nos corpos, sendo, assim, entendidas como condição de certa saúde (Torralba, 2014).

⁷ Nesse período, primeiro semestre de dois mil e dezanove, os encontros da *clínica-poética* aconteciam todas as quartas-feiras às 9h40, no campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia.

Junto a esses momentos de participação nos encontros, começava a pensar sobre a pesquisa que deveria realizar para este trabalho de conclusão de curso (TCC) em Psicologia, sendo que a maioria dos colegas à minha volta já se preocupavam com isso, me levando a acreditar que a *clínica-poética* seria um espaço onde eu teria apetite para realizar esta etapa da graduação. Conversando com minha amiga e colega Karine Miranda⁸, que compartilhava um processo parecido com o meu em relação à *clínica-poética* e à busca de um tema para a realização do TCC, decidimos propor à professora Juliana Bom-Tempo que nos orientasse na pesquisa, e ela nos acolheu enquanto orientadora e, mais do que isso, nos recebeu como parte integrante da equipe de profissionais e estudantes da *clínica-poética*.

Assim, no segundo semestre de dois mil e dezenove, em meu sétimo período da graduação, passei a fazer parte da equipe do projeto *Por uma clínica-poética* e a ser alimentada pelas vivências, não só recebendo, mas também participando dos processos de criação e condução, no qual continuo imersa até o segundo semestre de dois mil e vinte. O projeto, como já colocado, tem seus desdobramentos no campo da pesquisa e da extensão, e existe há dois anos, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e a Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PROAE) da UFU.

Nesse sentido, realiza intervenções semanais em encontros abertos, recebendo e acompanhando a comunidade interna e externa à universidade, que chega voluntariamente ao conhecer o projeto pela divulgação em redes sociais ou por encaminhamento de outros serviços parceiros de cuidado em saúde mental da universidade, como a própria PROAE ou o projeto Proteger-se⁹. Também, se engaja na realização de intervenções pontuais em eventos da UFU,

⁸ Karine Miranda é estudante do curso de graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, da mesma turma que a minha, e por possuímos interesses em comum, dentro e fora do curso, sempre nos engajamos juntas nos mesmo espaços da universidade, o que aconteceu, também, no nosso processo de conhecimento e entrada no projeto *Por uma Clínica Poética*.

⁹ O projeto Proteger-se trata-se de um projeto emergencial de organização online de um serviço terapêutico que fornece apoio emocional no enfrentamento da pandemia de COVID-19 aos servidores e estudantes da Universidade Federal de Uberlândia e para usuários de projetos, ambulatórios e instituições com convênio de colaboração com o programa.

de outros espaços artísticos e/ou comunitários e outras universidades. Seu coletivo é composto por uma equipe de artistas, psicólogos, arquiteta, acompanhantes terapêuticas, estudantes de graduação e pós-graduação das áreas da Psicologia, da Letras, da Arquitetura e da Dança. Além dos encontros da *clínica-poética*, com duração aproximada de duas horas e meia à três horas, também são feitos encontros semanais, com a mesma duração, em que são realizadas sua preparação, supervisão e um grupo de estudos, este último aberto aos interessados.

Em todas as *clínicas-poéticas*, somos acompanhados por três *verbos-musculares* que se engatam em um pacto entre todos presentes e uma pergunta que é feita especialmente na chegada e se repete durante o processo. Tal pacto, de acordo com Bom-Tempo (2019)¹⁰ é feito de forma verbal para que haja um encontro entre as proposições e o corpo, buscando com que as palavras e frases atuem e acompanhem os corpos durante toda a prática clínico-poética. O primeiro verbo muscular é: “Se entregar não é se abandonar”. O segundo: “Você tem autonomia no trabalho e é especialista em você mesmo”. O terceiro: “Cuidar do outro é cuidar de si, não tem diferença”. Depois que pactuamos em relação a concordar ou não que tais *verbos-musculares* nos acompanhem, é lançada a pergunta: “Como você está agora?”. Assim, é dada a opção aos participantes de que respondam ou não, pensando sobre suas relações consigo mesmo, seu corpo, suas vontades, seus desejos, seu trabalho, seu estudo, suas amizades, sua família, seus amores, sua sexualidade e outras questões, as trazendo para aquele momento presente, o aqui e agora.

O procedimento da *clínica-poética*, é criado e conduzido coletivamente pela equipe, entendendo que este deve intervir nos corpos, com os corpos e através dos corpos, convocando a sensibilidade e buscando um acontecimento clínico-poético. Essa estratégia procedimental se

¹⁰ Conferência apresentada presencial e oralmente na abertura do VII Seminário Conexões: Deleuze e corpo e cena e máquina e... realizado em 11 de novembro de 2019 na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, intitulada Dramaturgias clínicas: Como se dá uma ética dos encontros quando não se há um amanhã? Disponível em <https://conexoesdeleuze2019.wordpress.com/>. O texto da conferência encontra-se no prelo em livro, pela Editora FE-Unicamp, que contém as conferências apresentadas no referido evento.

dá em uma operação de três etapas propostas em uma ordem, mas que não necessariamente ocorrem seguindo uma linearidade, podendo se sobreporem. São elas: abrir o corpo, iminência e intempérie. No abrir o corpo, são criadas condições para a abertura das sensibilidades e dos afetos, que muitas vezes estão fechados devido ao modo de vida cotidiano do sistema capitalista. Para isso são usadas estratégias como programas performativos, técnicas sensório-motoras, objetos relacionais e práticas de contato-improvisação. Na iminência, é criado um problema que possa ser mobilizador de vazão para um fluxo que esteja bloqueado no corpo, criando-se uma ponte. Nesse momento, são usadas estratégias que criem uma inquietação, como respirações em ciclo, gritos, trabalhos de exaustão ou paralisia. Já na intempérie, são manejadas as manifestações desses fluxos e sintomas liberados, por meio de uma composição que se constrói na medida em que os corpos e seus afetos dão pistas do que deve ser feito. Para isso, é comum o uso de toques, movimentos, suspensões, palavras, textos poéticos, olhares e silêncios (Bom-Tempo, 2021).

Em meio a isso, minha pesquisa se iniciou e se deu, cartograficamente, no meu acompanhar do que é gestado na *clínica-poética*, sendo também uma das integrantes de sua equipe. Ao adentrar cada vez mais nos encontros durante o segundo semestre de dois mil e dezanove, em um movimento de atenção à espreita dos fluxos, me dei conta de que dois pontos principais abriam meu apetite para a pesquisa: o corpo como território de experimentação no trabalho clínico e as grupalidades existentes na criação, condução e acontecimento da *clínica-poética*, entendendo os processos gestados como sempre coletivos, dinâmicos e políticos.

O corpo, em sua definição formulada por Espinosa e trazida por Deleuze (2002) no livro *Espinosa: filosofia prática* de 1970, que acompanha o trabalho da *clínica-poética* e desta pesquisa, é entendido de duas maneiras, por seu caráter cinético e seu caráter dinâmico. No seu caráter cinético, o corpo pode ser definido pelas relações de movimento e repouso, lentidão e velocidade entre suas partículas, sendo essas movimentações e velocidades mais importantes

para sua particularidade do que suas formas e funções. Assim, a particularidade de um corpo se dá na relação que acontece entre esses movimentos que ora se aceleram, ora se diminuem e ora repousam. Já pelo seu caráter dinâmico, o corpo é definido pela sua capacidade de afetar ou de se ser afetado por outro corpo. Novamente, o corpo não é caracterizado pela sua forma ou função, mas pelos afetos que ele é capaz de produzir nele mesmo e em outros corpos.

Nesse sentido, o corpo possui partes visíveis e invisíveis, longitudes (conjunto de movimentos e repousos, velocidades e lentidões) e latitudes (conjunto de afetos) que formam sua cartografia, e assim, criam o plano de imanência que está a todo momento variando, e em composição pelos indivíduos e pelos coletivos. Nesse plano de imanência há a criação e circulação dos sentidos, através da relação entre os corpos e os acontecimentos. Tal imanência está presente em todas as realidades, integrando todos processos e relações do sujeito com os grupos e a sociedade, instituindo relações incessantes entre modelos, formas e forças (Romagnoli, 2014).

Tais questões relacionadas a esse corpo composto por multiplicidades e a essas relações engendradas no coletivo, chamaram ainda mais minha atenção, no primeiro semestre de dois mil e vinte, quando se iniciou a pandemia do coronavírus a nível global, e nós da *clínica-poética*, assim como pessoas em todo o mundo, tivemos que reinventar nossa forma de vida e trabalho, devido ao isolamento social necessário que vivemos, buscando não colocar em risco a nossa própria vida e à daqueles que estão à nossa volta. Com as atividades presenciais da universidade suspensas, nós da equipe do projeto *Por uma clínica-poética*, entendendo a necessidade de manutenção de espaços de encontros e cuidado em um momento que nos deparamos com incertezas e crises, decidimos continuar o trabalho de forma virtual, por meio do projeto *Quarentena poética*. Assim como presencialmente, os encontros são abertos à toda comunidade e acontecem semanalmente, por meio de plataformas de chamada de vídeo, lançando mão de recursos artísticos-poéticos, técnicas clínicas e procedimentos.

Junto a esse momento de reinvenção do trabalho em relação a criação, condução e acontecimento da *clínica-poética* em espaços virtuais, buscando a manutenção de estados de presença no coletivo e do caráter interventivo no corpo, iniciamos um trabalho de acompanhamento de processos com a psicóloga Amaranta G. Krepschi¹¹. Isso aconteceu ao nos depararmos com uma necessidade de olharmos por nós mesmos enquanto um grupo, para nossas coletividades, demandas, necessidades, desejos e limitações que nos acompanhavam em nosso trabalho, após percebermos que algumas vezes éramos perpassados por não-ditos ou imobilizações dos sentidos e criações.

Para Deleuze & Guattari (2010) existem dois tipos de grupos, o grupo-sujeito e o grupo-sujeitado, que se encontram a todo momento em deslocamento entre essas duas possibilidades, podendo um ser ameaçado de sujeição e outro forçado a um movimento revolucionário. Nesse sentido, acontecem de modo concomitante mesmo que paradoxalmente. O grupo-sujeito se movimenta em busca da posse de sua própria voz e investe na transformação de si mesmo, apostando na crise para que haja a produção de novas realidades e novos sentidos. Em contraposição, o grupo-sujeitado possui suas leis de funcionamento definidas por instâncias externas e não as questiona através de uma autocrítica, fazendo sempre uma manutenção do que já estabelecido, mesmo que isso seja repressor (Simonini & Romagnoli, 2018).

Nesse sentido, nos dando conta de que nos interessava ir em direção a possibilidade de ser um grupo-sujeito, buscamos por meio dos encontros de acompanhamento de processos nos aproximar da autoanálise e autogestão. O movimento de autoanálise consiste em que um coletivo, como protagonista de si mesmo, compreenda, enuncie, e adquira ou readquira um pensamento e vocabulário que o permita saber acerca de sua própria vida; o de autogestão consiste em que um coletivo se articule, institucionalize e se organize para construir o que for

¹¹ Amaranta G. Krepschi é psicóloga clínica, escritora e professora universitária. Mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade com a pesquisa “Percurso entre ruas, escritas e modos de subjetivação” sob orientação de Suely Rolnik. Cursou a F.I.A no c.e.m (Lisboa) em 2008 e desde então pesquisa corpo na clínica e na escrita. Atualmente reside e atende em Araras, interior de São Paulo.

necessário para produzir a si mesmo e para se manter ou melhorar sua vida. Tanto a autoanálise quanto a autogestão são elaborados concomitantemente em meio as heterogeneidades presentes no coletivo e podem contar com os saberes, técnicas e métodos de um algum especialista, desde que o próprio coletivo seja sempre o protagonista ao realizar as análises e gestões (Baremlitt, 2002).

Diante disso, tal processo de acompanhamento, levou minha atenção dentro da pesquisa a um movimento de pouso sobre a questão do trabalho em grupo que realizamos, não somente a respeito de seu potencial de gerar produção, mas também suas linhas mais duras e até antiprodutivas. Dessa forma, cheguei até ao seguinte problema de pesquisa: como funcionam os processos grupais, da equipe e dos participantes recebidos nos encontros, durante a criação dos procedimentos e o manejo de estados, sintomas e crises emergentes na *clínica-poética*, considerando o aporte nas artes do corpo?

Assim, entendendo que a subjetividade está sempre arremessada no coletivo, que as relações engendram multiplicidades, que o cuidado de si só pode acontecer nas relações e que o momento da pandemia traz tais questões à tona como nunca antes foi trazido, me levando a um movimento de reconhecimento atento de tais fluxos, me proponho a acompanhar estes processos grupais, junto à perspectiva da esquizoanálise, dentro da *clínica-poética*. Esse acompanhamento se atenta a todo seu relevo, montanhas, depressões, vales e colinas para produzir o conhecimento a respeito disso de forma coletiva, trazendo também outras vozes participantes, por meio da minha voz.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa é analisar o funcionamento de processos grupais que se constituem nas relações da equipe de trabalho e relações entre os participantes durante a preparação e execução dos procedimentos e operação dos manejos da *clínica-poética*. Portanto, a equipe de trabalho é uma dimensão da análise desta pesquisa, considerando-se os processos de autoanálise e autogestão. Já os participantes recebidos nos encontros são outra dimensão,

considerando-se suas relações com os manejos que recebem durante a execução efetiva da *clínica-poética*.

2. CARTOGRAFIA DE AFETOS

Sobre o método

De acordo com Kastrup (2009), a cartografia, elaborada por Gilles Deleuze e Félix Guatarri em 1980, pode ser proposta enquanto método para pesquisas no campo do estudo da subjetividade, que acontece através do acompanhamento de um processo de produção, sem ter para isso um caminho único e cheio de regras abstratas para se seguir. No entanto, destacam-se alguns aspectos que caracterizam a cartografia. O primeiro deles é o uso de uma atenção muito específica, uma atenção à espreita que passe por quatro momentos para que o cartógrafo chegue aos problemas e aos pensamentos gestados na pesquisa; sendo eles: rastreio, toque, pouso e reconhecimento atento dos fluxos.

Já o segundo se refere ao fato de que não há uma coleta, mas uma produção de dados. Isso acontece porque o cartógrafo entra em campo para acompanhar processos já em curso, mas acaba intervindo nesse curso. Assim, a cartografia e o uso da sua atenção fazem com que se crie um território em que vão ser feitas observações e que “faz emergir um mundo que já existia como virtualidade e que, enfim, ganha existência ao se atualizar” (Kastrup, 2009, p. 50).

Dessa forma, a proposta da cartografia como método exige uma processualidade durante as etapas da pesquisa (produção, análise, discussão de dados e escrita), sem haver uma separação e considerando uma implicação mútua entre elas. Isso faz relação com a abertura à possibilidade em acompanhar os novos desenhos, modulações e movimentos, que acontecem a todo momento nos processos em que se pesquisa. Além disso, nesse acompanhar, os processos gestam uma produção de conhecimento coletiva, abrindo espaço para a multiplicidade de vozes, dos corpos, das práticas, das experiências de todos que fazem parte dos processos, entre eles,

pesquisadores, participantes e autores (no caso da presente investigação, autores conceituais e artistas do corpo) (Barros & Kastrup, 2009).

Cartografia de afetos

Nessa pesquisa, utilizo a cartografia fazendo o uso de tais aspectos destacados como o uso da atenção à espreita, da produção de dados e da processualidade. Para além disso, também faço uma cartografia de meus afetos, trazendo aspectos autobiográficos, memórias e atravessamentos vividos em meu corpo.

Sobre os participantes

Para isso, enquanto participantes da pesquisa, estão a equipe, que participava da preparação e condução da *clínica-poética*, e os demais participantes, recebidos nos encontros, do projeto de extensão *Por uma clínica-poética*, durante o período de um ano e meio, com frequência semanal durante os semestre letivos. No decorrer do texto estes serão referenciados e diferenciados como equipe e participantes. A pesquisa aconteceu desde agosto de dois mil e dezenove até dezembro de dois mil e vinte.

Sobre os lugares

Nos primeiros meses, de agosto de dois mil e dezenove a março de dois mil e vinte, os encontros da *clínica-poética* se deram presencialmente na sala de lutas, antigo Restaurante Universitário (RU) do campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia. Já nos meses de março a dezembro de 2020, as propostas aconteceram de forma virtual, por plataformas online como Zoom, Google Meet e Meet Jitsi, onde foram realizados os encontros, supervisões e acompanhamento de processos da equipe com uma psicóloga.

Instrumentos e procedimentos

Durante toda a pesquisa, foram feitos registros escritos em cadernos de anotações, sobre observações feitas por mim, apontamentos da supervisora, dos colegas de trabalho, dos participantes e da psicóloga, minhas memórias e os atravessamentos em meu corpo. Tais

anotações foram feitas tanto durante as experiências, quanto em momentos posteriores. Já a análise e discussão desses registros, também aconteceram desde o momento inicial da pesquisa, mas se concretizam mais efetivamente aqui, nesse momento de escrita, trazendo descrições das vivências práticas para elucidar as análises, o qual acontece concomitante a realização do trabalho da *clínica-poética* no segundo semestre de dois mil e vinte.

Aspectos éticos

Em relação aos aspectos éticos dessa pesquisa foram consentidas autorizações de todos da equipe de trabalho, e também daqueles participantes dos encontros que tiveram aspectos mais específicos de seus casos relatados, garantindo-se o anonimato de identidade dessas pessoas e não lhes proporcionando nenhum tipo de prejuízo. O modelo da declaração de autorização está apresentado no ANEXO I deste trabalho.

3. O CARÁTER CLÍNICO DA EXPERIMENTAÇÃO NO CORPO DE UMA *CLÍNICA-POÉTICA*

Partindo da afirmação de que é no corpo que os sintomas de adoecimentos físicos, psicológicos e emocionais se exprimem e de que é por meio destes que os afetos se expressam (Bom-Tempo, 2019), a *clínica-poética* propõe uma forma de cuidado em saúde que passa primariamente pela intervenção no corpo. Dessa forma, a *clínica-poética* acontece atenta àquilo que os corpos de cada participante e membro da equipe pede e convoca a cada encontro, entendendo que esses fluxos engendram na coletividade afecções da ordem do grupo. Além disso, propõe-se um trabalho que esteja atento aos fluxos invisíveis que circulam entre os corpos, as coisas e os espaços. Os modos com que tais fluxos chegam, atravessam e saem dos corpos, entre as pessoas, os objetos e os espaços, por meio de sensações e afecções, exigem uma recriação desses corpos, gerando um acontecimento clínico-poético no corpo, pelo corpo e através do corpo. Isso é o que se busca por meio das proposições feitas em seus procedimentos.

Tal forma de trabalho tem como referencial prático-conceitual a esquizoanálise, proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010). Para a esquizoanálise, os processos de subjetivação, as produções de subjetividade são operados por máquinas que se criam para a passagem de fluxos desejantes, em articulações e engrenagens que operam com componentes sociais, políticos, econômicos, sexuais, algorítmicos, fluxos e máquinas abstratas e concretas que têm como produto e produção os corpos e as subjetividades.

Para Deleuze e Guattari (2010), os fluxos desejantes geram e engendram produções e antiproduções, funcionando ao se desarranjarem em si mesmas, abertas a novas conexões coletivas e multiplicárias. Esses processos se dão e operam inconscientes maquínicos, sendo que a produção do desejo cria e coloca máquinas em funcionamento. As máquinas desejantes, inconscientes maquínicos, buscam, a todo momento, que sejam feitos acoplamentos com coisas, com outros e com mundos, estes tidos como objetos parciais. Esse funcionamento maquínico, desejante e inconsciente produz a criação de tais conexões, para que haja a formação de um plano, de um meio, que permita a passagem de desejo.

Nesse sentido, os filósofos consideram que o desejo não deseja algo ou alguém, mas deseja construir uma maquinaria para que o seu próprio fluxo consiga passar. Para isso, deve ser criado um plano de consistência imanente, com componentes abstratos e concretos, preciso e construído no momento de sua passagem. O próprio sistema capitalista opera por máquinas desejantes sendo que tais passagens acabam sendo moduladas pelo conjunto de normas, regras e forças que normatizam o sujeito em um modo mecânico de vida, bloqueando processos vitais, direcionando todo fluxo desejante para a produção do capital, impedindo que os corpos efetivem suas potências e inviabilizando e interditando a experimentação das diferenças, das multiplicidades e dos devires. Na perspectiva da esquizoanálise, a prática clínica não opera por interpretação, mas por experimentação, para que, talvez, haja um vazamento dos fluxos

bloqueados do desejo, através de desarranjos que podem ser criados no corpo e que abram passagens (Deleuze & Guatarri, 2010; Deleuze & Guatarri, 1980; Bom-tempo, 2019).

Para além disso, a *clínica-poética* se inspira fortemente no trabalho de Lygia Clark¹² chamado *Estruturação do Self* proposto em 1976, e discutido por Suely Rolnik no texto *Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia* de 2006. Segundo Rolnik (2006), no que diz respeito a essa busca de abertura do corpo às forças existentes de vida, há uma sensibilização dos corpos às sensações, se nutrindo e redesenhando a si mesmo por tais forças e exteriorizando-as de maneiras diversas (verbais, gestuais, musicais, cênicas, etc). Para convocar essa experiência corporal, Lygia fazia uso dos chamados “objetos relacionais” – estes, também, incorporados em diversos trabalhos da *clínica-poética* –, podendo ser objetos cotidianos diversos que adquiram funções distintas das convencionais e, se fazem essenciais na medida com que estabelecem um caráter relacional com os clientes durante as sessões (Clark, 1980).

Tal processo de exteriorização, de acordo com Rolnik (2006), teria a ver com uma condição real de saúde, dando impulso a uma potência criadora do corpo, e aconteceria por meio de uma tensão entre uma micro e uma macro sensorialidade. A microsensorialidade se refere às forças da vida, para as quais o nosso corpo costuma estar mais fechado. A macrosensorialidade, por sua vez, se refere às formas das coisas com as quais estamos mais acostumados a lidar em nosso cotidiano.

Deste modo, durante os processos, tanto propostos por Lygia Clark, quanto pela *clínica-poética*, é importante que haja uma abertura ao micros sensorial, e que também permaneça a macrosensorialidade, havendo uma comunicação entre as duas. Esse movimento paradoxal e

¹² Lygia Clark é conhecida com uma das maiores artistas brasileiras do século 20. Defendia uma arte ligada a uma “significação existencial emotiva e afetiva”, se dedicando a uma exploração sensorial em suas obras. No fim de sua vida declarou-se não artista e passou a se dedicar apenas a práticas terapêuticas, confeccionando os chamados “objetos relacionais”, com o uso de máscaras, pedras, sacos e outros objetos cotidianos, para que esses fossem usados em vivências corporais com seus pacientes, fazendo com que os corpos revelassem conteúdos inconscientes que não eram comunicados verbalmente.

de dupla face pode fazer com que o corpo não se perca em suas feridas e memórias traumáticas acessadas, e consiga acolher sua potência efetivando-a nesse fluxo.

4. GRUPALIDADE NA CRIAÇÃO DE UMA *CLÍNICA-POÉTICA* E A BUSCA PELA POÉTICA DAS RELAÇÕES DO COLETIVO

Os procedimentos criados na *clínica-poética* passam pelos momentos já explicitados anteriormente de abrir o corpo, iminência e intempérie, possuindo as referências apresentadas e entendendo que o procedimento é seu próprio acontecimento, ou seja, que ele não é feito para algo, mas apenas é feito, em busca da experimentação (Deleuze, 1997). É nesse sentido que faz o uso muito preciso de recursos diversos das artes, das conexões entre um corpo e outro, das interfaces corpos e espaço, corpos e objetos. Dentre os principais artistas e referências inspiradores para a criação dos procedimentos, além de Lygia Clark, estão: Kazuo Ohno com o Butoh Dance; Yoko Ono; Educação Somática; Eutonia; Contato-improvisação; e Literatura.

O momento de criação de cada procedimento e a decisão de quais desses recursos serão utilizados em cada *clínica-poética*, especialmente para o abrir o corpo e a iminência, que são planejados anteriormente – diferentemente da intempérie – acontecem de forma coletiva por meio de uma espécie de cartografia dos nossos próprios afetos e apetites naquele momento presente de criação com a equipe. Proponho analisar tais processos de construção da *clínica-poética* de um ponto de vista cartográfico.

No momento da supervisão, em que estão presentes somente os membros da equipe, inicialmente perguntamos uns aos outros “Como você está agora?” e iniciamos uma conversa sobre como cada um se sente, quais questões externas nos atravessam e como chegamos ali naquele dia para aquele trabalho. Com isso, já se tem uma noção de como o grupo, no caso a equipe, está e o que é mais ou menos possível ou urgente ser feito. Seria um momento de

rastreio, “um gesto de varredura do campo” quando analiso esse ponto junto a atenção do método cartográfico (Kastrup, 2009, p. 40).

Em seguida, fazemo-nos outra pergunta: “Onde está o seu apetite e com o que você gostaria de trabalhar hoje?”. Nesse momento, há uma espécie de *brainstorm* das primeiras ideias que vem à tona, muito relacionadas aos desejos e referências de cada um, que não necessariamente se ligam de forma direta às ideias e proposições uns dos outros. Ainda entendo esse momento como de rastreio, uma atenção que paira e flutua entre as diferenças e as mudanças de posição. Nas palavras de Kastrup (2009, p. 40), “praticar a cartografia envolve uma habilidade para lidar com metas em variação contínua. (...) Para o cartógrafo, o importante é a localização de pistas, de signos de processualidade. Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo.”.

É desse ponto que são levantados temas que podem ser trabalhados naquele encontro específico, como o fim do mundo, a força e a exaustão, a paralisia e os neofascismos, os olhos cansados e a saudade. Consideramos ainda os objetos que podem ser usados, como um espelho, uma pedra, um saco d’água, uma fruta, algumas ervas. Os textos para serem lidos, como poemas, trechos de livros teóricos ou literários, fragmentos filosóficos ou a escrita de um de nós. As ações que podem ser feitas, como tomar um chá, contar uma história para o outro, trocar olhares. Os exercícios de movimentação corporal, como rolar no chão em direção ao outro, um modo de deitar específico, uma caminhada pelo espaço, realizar uma pequena dança, dançar buscando a exaustão, produzir uma paralisia ativa no corpo, correr no mesmo lugar. As respirações, posturas, circuitos tibetanos ou posições do yoga como respiração da kundalini, posições da saudação ao sol, 20 respirações conectadas. E, ainda, quaisquer outros apetites que alguém possua e possa trazer naquele momento. Há nesse ponto uma atenção receptiva e, ao mesmo tempo, ativa, ou uma receptiva-atividade como propõe Orlandi (2004).

Algo nos toca dessas colocações, algumas vezes dispersas, noutras já agenciadas e concatenadas mesmo antes de uma formulação mais direta. Assim, passamos a um segundo momento cartográfico da atenção para a criação do procedimento. “O toque é sentido como uma rápida sensação, um pequeno vislumbre, que aciona em primeira mão o processo de seleção” (Kastrup, 2009, p. 42). Nesse momento, a composição acontece através da seleção e organização daquilo que foi proposto por cada um, levando em conta as seguintes questões: como tais propostas se relacionam considerando os consensos e dissensos?; qual a ordem em que vão acontecer, entendendo que deve haver uma abertura do corpo e uma ponte para a intempérie?; vai haver uma temática mais explícita que acompanhará o trabalho e vai ser dita aos participantes ou não?; o que tais propostas juntas vão trabalhar?; e, serão descartadas ou não algumas das propostas feitas, tanto pela falta de tempo para que caibam no processo, quanto por não se encaixarem na proposta daquele encontro ou até mesmo por ser interessante deixar com que ela fique como uma “carta na manga” para uma possível intervenção a ser feita na intempérie?

Depois disso, além dessa seleção e organização, há um pouso e um reconhecimento atento da proposição daquele encontro. Há uma mudança de escala da atenção. “O gesto de pouso indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, uma espécie de zoom. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura” (Kastrup, 2012, p. 43). Dessa forma, nesse momento, também, pode ser preciso que sejam feitas as últimas proposições, para que haja um agenciamento entre as propostas, na construção de um plano de composição, uma maquinaria de passagem, fazendo com que exista um fluxo entre elas na processualidade do encontro.

Descreverei sobre a criação de uma *clínica-poética* da qual me recordo com carinho, para que sirva de plano de composição à presente análise. Como isso é feito coletivamente, perpassando pelos momentos colocados? É importante ressaltar que não há uma rigidez nas

ordens ou engessamentos a respeito de como acontece. No segundo semestre do ano de dois mil e vinte, numa terça-feira, dia primeiro de setembro, nos encontramos virtualmente pela manhã, para a preparação da *clínica-poética* que aconteceria no mesmo dia à tarde, e iniciamos nosso encontro buscando saber como cada um estava e chegava ali naquela reunião já no início do dia.

Olívia,¹³ integrante da equipe, dizia que estava se sentindo energética, Júlia com algumas preocupações a respeito da escrita da dissertação de mestrado e Ana renovada por ter feito um passeio fora de casa depois de muito tempo em isolamento por conta da pandemia. Alguns outros estavam de modos diversos, que faziam do clima multiplicatório, e por certo havia uma grande disponibilidade de cada um. Nesse dia, eu me sentia descansada por ter saído um pouco de casa e acampado na beira de um rio depois de muito tempo em isolamento, ao mesmo tempo que sentia certa culpa por ter quebrado a quarentena, mesmo seguindo todos os cuidados.

Desde esse primeiro momento, percebi que, pelos modos que estávamos, haviam muitas possibilidades de caminho para o trabalho e então nos questionamos a respeito dos nossos apetites. Algumas vontades iniciais surgiram: um trabalho da força do centro do corpo foi proposto por Olívia, usar água e ervas para tomar um banho sugerido por Ana, um momento de apreciação do horizonte, o uso de um saco d'água ou pedras e outras proposições dos demais. Ouvindo tudo isso, Manuela quis ler para o grupo o trecho de um texto¹⁴ que fala da essência como potência em ato para Espinosa. Assim, entendendo que tínhamos algumas proposições, começamos a selecioná-las e organizá-las em uma série, ao mesmo tempo em que iam surgindo novas ideias.

¹³ Todos os nomes utilizados para se referir a integrantes da equipe de trabalho da *clínica-poética* são fictícios.

¹⁴ Segundo capítulo do livro *Espinosa: filosofia e prática* de Gilles Deleuze (2002) chamado “Sobre a diferença da Ética em relação a uma Moral”.

Ana que havia feito um passeio fora de casa em uma cachoeira, havia inicialmente pensado em um banho, mas a ideia foi desdobrada pelo grupo em uma proposição para o momento de abrir o corpo, de que a água fosse usada dentro de um saco passando pela pele, assim trabalhando a abertura das sensorialidades. Junto isso, chegamos a ideia de que houvesse um momento de meditação olhando para o horizonte. Dessa forma, haveria uma abertura do corpo em si próprio, para o espaço e tempo presente, sendo trabalhado o máximo de sentidos, como o tato na relação do saco com a pele, a audição e olfato durante a meditação, e, a visão no olhar para o horizonte. Olívia que se sentia energética, indo em direção a uma ideia de expansão dessa energia, propôs que o trabalho com centro do corpo fosse feito por meio de uma posição *navasana* (do barco) da yoga. Tal parte do processo seria feita com o acompanhamento do saco em cima do corpo, e, depois disso, como proposto pela integrante que fez a leitura do texto, seria realizada uma visualização em relação ao saco d'água concentrando nele as diversas forças que o atravessavam, deixando-se afetar por aquilo, em um momento já talvez de iminência. Além disso, em conjunto, foi proposto que fosse feito um escalda pés com o uso de água em uma balde e ervas diversas, não deixando de lado a ideia do uso de ervas para limpeza de energias tal como nos banhos de cachoeira ou de rio.

Dessa forma, fomos organizando as ideias em um plano de composição, em que novas propostas surgiam, até o momento em que elas chegaram a um desenho final, para que assim fossem planejadas sua condução e os objetos que seriam solicitados aos participantes. Tal desenho pode ser descrito do seguinte modo:

1. Ajuste das janelas da plataforma virtual, verificação dos materiais necessários, explicar aos participantes a importância de que fiquem até o final para acompanhá-los em todo processo, que possuem autonomia para realizarem as proposições como entenderem através dos comandos e pedir que convoquem um estado de presença para o trabalho;

2. Realizar o pacto com os verbos musculares “Se entregar não é se abandonar”, “Você tem autonomia no trabalho e é especialista em você mesmo”, “Cuidar do outro é cuidar de si, não tem diferença” e fazer a pergunta: “Como você está agora?;

3. Fazer uma fala sobre a relação de essência e potência em ato para Espinosa, trazendo o questionamento de como mesmo sendo social podemos nos reapropriarmos de nós mesmos e exercitarmos nossa essência (potência em ato), ou seja, nossa capacidade de agir e de afetar e ser afetado;

4. Propor que os participantes olhem para o horizonte e façam uma meditação contemplativa segurando o saco d’ água. Tal meditação é feita como uma abertura ao horizonte, deixando com que as coisas atravessem o corpo (o corpo como uma placa de prata que recebe as informações, algumas são registradas, outras se deixam passar);

5. Propor a abertura às sensações, sem julgamento, deixando o saco tocar a pele escorrendo por ela;

6. Propor que se deitem no chão e façam um trabalho do centro do corpo, fazendo a postura da *navasana* (do barco) da yoga, segurando o saco d’água. Isso se repete por três vezes, sustentando um minuto e soltando o corpo nas pausas. Ao fim, propor que se deitem novamente e levem o saco d’água ao baixo ventre e depois façam uma visualização (sentir esse saco como um imã de forças, sentir a água mudar de cor e temperatura, sentir a presença, sentir a concentração de tudo que atravessa o corpo nesse saco);

7. Propor que rasguem o saco dentro do balde, façam a respiração *kundalini* (do fogo) por nove ciclos completos diante do balde, façam uma respiração profunda e coloquem a cabeça dentro balde gritando, por meio da vocalização da vogal A de forma prolongada (repetir o processo 3 vezes);

8. Propor que peguem as ervas (todos deveriam levar ao menos cravos), as macerem e as coloquem na água, sentindo seu cheiro, que peguem o mel ou melado e o passe no pé,

sentindo sua textura e depois coloque os pés dentro da água, fazendo uma espécie de lavagem e escalda pés. Por fim, propor que peguem os cravos e façam pedidos os cravando na maçã;

9. Realizar a *intempérie*, que como já explicitado, se refere ao momento de manejo dos fluxos e sintomas liberados no processo.

Tal processo de criação experimentado por nós da equipe, semanalmente em nossas reuniões de criação da *clínica-poética*, se aproxima com o processo discutido por Francisquetti (2015), a respeito da Cia Teatral Ueinzz, coletivo que nasceu em um hospital-dia e que em seus trabalhos faz uma interlocução entre arte e clínica. Nas peças teatrais criadas pelo coletivo, também existem vários pontos de começo, que aparecem em cada um dos integrantes em momentos diferentes e vão sendo compartilhados para o grupo na medida que emergem, até em que em um momento todos esses pontos se agregam e formam um desenho do trabalho como um todo.

Além disso, o autor destaca que na Cia Teatral Ueinzz, mais do que do teatro, as experiências vividas pelo coletivo se aproximam da performance, no que diz respeito ao *Work in process*, ao processual. Assim, uma peça tem sempre uma porosidade que faz migrações entre cena e vida, além de ser sempre maleável e mutável, apesar de possuir fragmentos do que foi planejado. São comuns momentos de suspensão que ninguém sabe o que vai acontecer e que exige um improviso, trazendo a possibilidade de criação durante o processo, sendo possível que o que vai ser proposto rompa com o inesperado, criando-se assim um acontecimento. Tais características e aproximações da performance estão presentes nos processos de criação e realização dos procedimentos da *clínica-poética*, sendo inclusive, parte de sua formulação conceitual e prática.

Uma *clínica-poética*, ao mesmo tempo que é um processo clínico, é também artístico, se apoiando nas imagens em performance, sendo que são essas que produzem clínicas que diagnosticam e intervêm nas forças, desestabilizando aquilo que é pré-definido culturalmente,

permitindo que fluxos de desejos passem pelas engrenagens, criando-se novas passagens. Nesse sentido, uma clínica acontece quando, por meio dessas imagens performáticas, são criadas campos problemáticos e zonas de risco que proporcionam transformações nas relações entre esse novo campo e o cotidiano, fazendo com que haja uma abertura dos corpos à construção de seus próprios sentidos e sensibilidades (Bom-Tempo, 2015).

Tais aspectos, tão caros à forma de trabalho na *clínica-poética*, me chamaram muito atenção desde meu momento de entrada na equipe e tem reverberações até hoje no meu modo de estar com o grupo. Ao mesmo tempo que eu me encantava pela forma com que considerávamos como nós da equipe estávamos para propor o que seria feito no nosso trabalho e a forma com que fluíam as conexões entre propostas tão diferentes, mas que passam a compor algo cheio de sentido, eu me sentia muito distante dessa forma de trabalhar.

Sempre estive acostumada com modos mecânicos e metódicos de trabalho nas minhas experiências acadêmicas e escolares, que em momento nenhum se preocupavam com o quanto eu estava afetada com outras questões e como aquilo iria interferir no que eu deveria fazer. Também, me sentia, e hoje ainda me sinto menos segura do que outras pessoas da equipe, para deixar minhas ideias fluírem sem julgamentos em relação aquilo que imagino no momento de propor como estou e como gostaria de trabalhar, o que meu corpo pede a cada encontro. Muitas vezes, as propostas chegam e eu tenho dificuldade de expô-las ao grupo, por julga-las menos interessantes ou muito distantes do que já está sendo proposto. Tais atitudes me afastam um pouco daquilo que propomos em relação à composição do trabalho e tenho que estar atenta para não me aprisionar nesses movimentos de recolhimento ao estar com o grupo.

Além disso, destaco que a presença da maleabilidade e imprevisibilidade, característica tão importante do nosso trabalho, também se fazem como um grande desafio para a minha experiência particular e é destacada por outros participantes da equipe como algo que, muitas vezes, os levam a inquietações, assim como para mim. Isso acontece por nossas propostas se

tratarem de algo que deve ser muito preciso, bem descrito e cuidadoso, pois podem levar os participantes a entrarem em zonas de risco. Algumas vezes, no momento da experimentação, mesmo entendendo que há a necessidade de uma adaptação daquilo que havia sido planejado, surge uma insegurança sobre qual seria o melhor caminho e como fazer as mudanças necessárias. Ainda assim, mesmo com essa insegurança enquanto acompanhante, na maior parte das vezes, conseguimos usar da nossa autonomia ou ter uma comunicação efetiva para fazer tais manejos necessários.

No entanto, outras vezes nos deixamos habitar pelo medo, durante essas adaptações, o que provoca reverberações em nossos corpos de modos intensos durante ou depois do processo. São comuns as vezes que nos questionamos sobre o quanto o que foi feito, naquele momento de forma processual, foi efetivo ao que estava sendo pedido pelos corpos e ao que foi proposto na experimentação. Tais reverberações e questionamentos geram sensações diversas em nossos corpos como participantes e como equipe, nos levam a sentir uma grande ansiedade e insegurança no momento das conduções seguintes, e, ao mesmo tempo, são extremamente importantes quando compartilhadas para nos levar a um aprimoramento do nosso trabalho. Trabalhamos em uma zona de risco necessária à modulação dos afetos em jogo e dos manejos que cada encontro exige (Bom-Tempo, 2015).

Tais reverberações se tornam ainda mais intensas para muitos de nós da equipe, durante o momento do procedimento da *intempérie*, o qual até então não foi discutido no presente texto, visto que este se dá já no momento de condução e experimentação da *clínica-poética* junto aos participantes. Tal momento, opera um processo de criação e composição *in loco*, ainda mais especialmente do que nos outros momentos. Há uma exigência em prestar uma atenção focal, um pouso da atenção a cada gesto, cada expressão, cada palavra, cada respiração no que convoca o corpo de cada um que se encontra em estado iminente e nos convoca a fazer uma cartografia das afecções circulantes do grupo. Um enquadramento que garantiria o recorte

preciso e o plano de composição para que, improvisando as proposições necessárias, possa acontecer a experimentação e o cuidado de todos e de cada um.

Em termos de procedimento, nesse momento, retomamos a pergunta que sempre é feita aos participantes no início do encontro “Como você está agora?”, e a partir do que vão nos contando, das conexões que vão sendo feitas entre os corpos, vamos lançando mão de estratégias diversas e fazendo convites a cada um dos participantes. Dessa forma, reativamos o terceiro verbo-muscular, “cuidar do outro é cuidar de si, não tem diferença”, para que coletivamente experimentem novas proposições.

Uma *clínica-poética* da qual nos recordamos no grupo com frequência a respeito do momento da *intempérie*, que aconteceu de forma muito precisa tendo a intuição – capacidade de apreensão imediata do que se passa – como método, ocorreu no primeiro semestre do ano de dois mil e vinte, já em seu formato virtual, no dia dois de junho, em um encontro pela manhã. Havíamos planejado os momentos de abrir o corpo e iminência de forma mais curta do que o usual, considerando todas as questões que sempre nos colocamos no momento de preparação, entendendo que nossa disponibilidade corporal e de tempo exigia essa restrição, menos excessos e mais simplicidade.

Dessa forma, os procedimentos anteriores à *intempérie*, incluíam os ajustes iniciais; o pacto com os três verbos-musculares e a pergunta “Como você está agora?”; a solicitação de que cada um escolhesse um objeto que tivesse de fácil alcance naquele momento para o acompanhar no trabalho; a leitura de um livro de literatura chamado *A parte que falta*, de 1976 da autora Shel Silverstein, fazendo uma conversação com o livro *O amanhã não está à venda*, de 2020 do autor Ailton Krenak; a proposição de que os participantes se deitassem e se aconchegassem fazendo o uso de uma coberta e uma almofada; e a realização de um inventário das partes do corpo junto a uma visualização guiada, em que cada um reconheceria quais eram e onde estavam seus “buracos” no corpo.

Depois disso, partimos para a realização da intempérie, sendo solicitado que os participantes nos apresentassem qual objeto o acompanhava naquele encontro. Assim, uma das participantes nos contou como se sentia: triste, sozinha, buscando se encontrar na casa onde morava atualmente em uma cidade muito pequena, saudosa de encontros que havia deixado de ter devido à pandemia. Então nos mostrou seu objeto: um prato decorativo com a imagem de São Jorge, o qual ela usava como decoração em sua casa antiga e era grandemente carregado de uma memória afetiva, o qual ela relacionava com sua religiosidade, e seu orixá Ogum, comumente invocado para abrir caminhos. Logo quando ela mostrou tal objeto, nos contando sua história e os significados que atribuía a eles, a proposição de uma das integrantes da equipe foi de que ela buscasse uma pedra que tivesse próxima ali e com ela quebrasse o prato. “Coragem, é agir com o coração. Coragem, liberte o São Jorge!”, foi dito a ela. Apenas ao ouvir, ela já chorou muito, mas, assim como proposto, o fez.

Nós do grupo, ao acompanhar, nos espantamos, nos incomodamos, nos sentimos mais corajosos com a proposição e com o ato efetuado diante da câmera e compartilhada com os presentes. No mesmo dia, algumas outras propostas foram feitas com outros participantes, também diante daquilo que contavam dos objetos, dos corpos e das falas. Mas especialmente esta ação descrita nos marcou, tanto pela experimentação, quanto pela proposta. Foram verdadeiramente proposições e atos regidos e encaminhados pela coragem, o coração e pela capacidade de apreensão imediata do que se passa, a intuição.

O método da intuição, proposto por Deleuze em sua obra *Bergsonismo* de 1999, não está ligada a uma determinação instintiva e nem a uma vontade inteligente. Nesse sentido, ele não possui nenhum caráter místico, não é um pressentimento e nem uma antecipação, mas um método elaborado, que presume três regras: a primeira que diz respeito a criação de problemas, a segunda que se refere às descobertas das verdadeiras diferenças da natureza, e a terceira relacionada a apreensão do tempo real. A intuição é “a maneira pela qual alguma coisa se

apresenta a uma pessoa imediatamente sem que ela seja definida, inferida ou deduzida” (Galindo, Lemes, Nascimento, Souza, & Nascimento, 2017, p. 281). Ela é vista como um ato simples na medida em que se dá por meio de uma relação imediata e direta com a realidade das coisas, ou seja, com a duração da consciência (contração de instantes) e com o impulso da criatividade. Por meio do método da intuição, é possível que se faça um desvio das armadilhas que são colocadas pelo intelecto, alcançando-se a sua simplicidade (Galindo et. al, 2017).

Pelo uso de tal método, a insegurança se faz presente em nossos corpos durante a intempérie para alguns da equipe, o que nos coloca a todo momento na busca de sua aprendizagem, entendendo que este se faz necessário para o sentido do nosso trabalho como um todo. Acontece novamente aquilo que descrevo da ideia de proposição chegar permeada por juízos de valores, ou até mesmo, de nos depararmos com uma trava que nos impede de propor. Dessa forma, acabamos sendo dominados por um medo de errar, um medo de que aquilo que iríamos propor não seja seguro para o participante, medo de sermos punidos por ter feito uma proposta não tão cuidadosa, medos esses que são perpassados por experiências que tivemos em outros espaços fora da *clínica-poética* e que nos afastam daquilo que nos é interessante neste e em outros encontros.

Para além disso, destaco que durante o acompanhamento de processos com a psicóloga Amaranta G. Krepschi, em nossos compartilhamentos das percepções de cada um, a respeito das relações que existem no grupo, nos demos conta que nesse momento de criação e condução da intempérie, para além dessa trava individual que chega em nossos corpos, algumas vezes, fazemos um movimento de deixar com que o imprevisto e as proposições da intempérie sejam feitas mais pela professora e supervisora da equipe. Algumas suposições que encontramos para o fato de que isso aconteça, são de que ela realmente tem um domínio muito certo da intuição como método e resultados muito precisos em suas intervenções, mas que, também, muitas vezes fazemos um movimento de colocá-la como detentora do saber a respeito do que deve ser

feito e nos isentamos da corresponsabilidade de propor. Em nossas reflexões, entendemos que após algumas vezes termos recebido ou presenciado algumas críticas a respeito do que havia sido proposto destacando-se os riscos das proposições (ressalta-se que essas críticas tinham sua importância), acabamos assumindo em nossas experiências particulares um lugar de desautorização para propor novamente.

Nesse sentido, entendemos a necessidade de ficarmos atentos para tentar coletivizar ainda mais esse momento da intempérie, tanto percebendo os pareamentos entre os corpos para os quais podem ser feitas proposições semelhantes, quanto entendendo que o que propusermos pode ser construído pelo coletivo, até mesmo pelos participantes, sendo interessante que um complemento a proposta do outro antes que ela seja feita. Precisamos encontrar, em conjunto, uma maneira de orquestrar as forças circulantes, não nos voltando ao movimento de propor individualmente ou de cuidar de cada um de forma individual, entendendo que o que se manifesta explicitamente em um participante e serve de ideia para uma proposição, também atravessa o outro, ou seja, não é pessoal, mas do grupo, coletivo e político.

Também especialmente durante os encontros de acompanhamento de processos em conjunto com a psicóloga, em movimentos de autoanálise e autogestão, ao longo do semestre, chegamos à percepção de que o trabalho que realizamos na *clínica-poética*, ao nos fazer habitar estados de uma zona de risco por estarmos imersos nas experimentações junto aos participantes e lidar com imprevisibilidades necessárias dentro do processo, em algumas semanas, nos levava a uma sensação de excesso e a uma dificuldade de nos sustentarmos dentro do trabalho. Tal experiência foi compartilhada por nós da equipe, mas em momentos distintos, acontecendo de uma forma individual devido a diversos motivos vivenciados por cada um. Nesse sentido, entendemos que por sermos um grupo e conseguirmos em alguns encontros construir e conduzir o trabalho sem a presença de todos da equipe, nos permitirmos, a cada semana, que houvesse pausas de algum dos participantes ou até mesmo de todo o grupo, caso necessário. Durante

certo período, inclusive, foi criado um rodízio em que alguém da equipe se ausentaria do trabalho em uma semana, participaria do trabalho apenas o recebendo na semana seguinte e depois disso retornaria. O reconhecimento desses limites e abertura às adaptações foram essenciais para o aprimoramento do cuidado oferecido aos participantes e a nós mesmos.

Dessa forma, destaco o quanto o processo de acompanhamento buscando-se uma autoanálise e um espaço de cuidado das nossas relações enquanto coletivo e equipe, iniciados no primeiro semestre de dois mil e vinte, com a presença de um trabalho de mediação da psicóloga Amaranta G. Krepschi, tem sido importante para o nosso trabalho e para a busca de uma poética, também, em nossas relações. Nesses encontros exclusivos da equipe, temos um momento para olhar cuidadosamente para as reverberações que o trabalho tem em nossos corpos pessoalmente, para nos questionarmos sobre o quanto estamos realizando realmente aquilo que propomos e se essas propostas devem ou não passar por mudanças, afinarmos questões mais específicas de como o trabalho deve acontecer, compartilharmos afetividades que nos atravessam enquanto grupo, entendermos como as nossas relações se dão e o quanto alguns papéis devem ser remexidos, mantidos e trocados de lugar, entre tantas outras reflexões.

Tal processo de acompanhamento foi pensado entendendo que “toda experiência individual supõe, como um a priori, a preexistência de um meio no qual a experiência é levada a cabo, meio específico ou meio institucional” (Deleuze, 2004, p. 17). A *clínica-poética*, formada por um coletivo de pessoas que se encontram e trabalham juntas com certa frequência, pode ser entendida como uma instituição, visto que uma instituição é qualquer espaço em que um grupo se faz ou se constitui, frequentando-o repetidamente. Dessa forma, deve passar por análises de suas relações e construções feitas nesse coletivo, para que não haja uma limitação e imobilização em si mesma, diminuindo-se sua potência de trabalho. Essa ideia se baseia no que é discutido por Félix Guattari, a respeito da análise institucional e do conceito de transversalidade (Agostinho, 2020).

A transversalidade se refere a uma ideia de desierarquização das relações de poder, entendendo que elas existem, mas que todos podem as exercer em algum momento, havendo uma circulação dos papéis e funções dos indivíduos que fazem parte do coletivo. Ela está ligada com o quanto um grupo é capaz de olhar para si mesmo e se entender como mais complexo do que apenas a sua subordinação às relações de hierarquia e de autoridade ou, ainda, do que a sujeição a uma horizontalidade em busca de uma estabilidade identitária e falseada no ideal da construção de um comum que só considera os consensos. Nesse sentido, aumentando sua transversalidade e fazendo uma análise de suas relações, entendendo que o grupo é atravessado por questões históricas, sociais, políticas, econômicas e estéticas pode-se auxiliar que a coletividade, em seus consensos e dissensos, tome posse de si e de sua voz. Para além disso, como propõe Simonini e Romagnoli (2018), essa análise pode levar a composição de sentidos e ações que favorecem a criação de outras trajetórias ainda inéditas.

Nesse sentido, ao longo dos nossos encontros com a psicóloga, fomos nos dando conta que em nosso trabalho da clínica poética, nos interessa coletivizarmos ao máximo as decisões e deliberações a respeito de tudo aquilo que propomos enquanto grupo. No entanto, entendemos também que, como colocado por Baremlitt (2002), em qualquer processo coletivo e autogestivo haverá uma necessidade de certa divisão de trabalho que implique em uma hierarquia durante os processos. Dessa forma, essas hierarquias não devem implicar em uma diferença de poder e capacidade de imposição da vontade, autoridade e rigidez de um sobre os outros, mas devem ser aproveitadas de acordo com a potência, peculiaridades e capacidades de produzir de cada um.

5. GRUPALIDADE NA CONDUÇÃO DE UMA *CLÍNICA-POÉTICA* E EM SEU ACONTECIMENTO NOS ESPAÇOS PRESENCIAL E VIRTUAL EM BUSCA DE UMA CIRCULAÇÃO DE AFETOS

Para além da criação, os processos grupais da *clínica-poética* podem ser observados nos momentos de condução dos procedimentos pela equipe e também, especialmente, no seu próprio acontecimento, junto ao grupo de participantes. Tais processos possuem especificidades, diferenças e similaridades no que diz respeito ao trabalho feito de forma presencial e de forma virtual interessantes de serem discutidos na presente análise, destacando-se as relações dos participantes com os manejos operados na *clínica-poética*.

Para a condução dos procedimentos, são apresentadas, em um procedimento que considera o tempo e o espaço como moduladores dos modos de enunciar, as proposições aos participantes, convidando-os a realizá-las na medida em que recebem os comandos e vão entendendo como executá-los diante das possibilidades de seus corpos. Esse processo é feito de forma coletiva pela equipe de trabalho, de acordo com os apetites de cada um para conduzir uma parte ou outra. Nesse sentido, no momento da criação é negociado quem fará a condução de cada parte e são alinhadas algumas palavras que queremos fazer o uso em diferentes partes, algumas ideias que devem ser repetidas e como cada um deseja receber os corpos dispostos no espaço para dar continuidade no fluxo já iniciado, compondo com seu momento de condução.

Na maioria das vezes, cada um que conduz possui liberdade para trazer a poética para a condução na escolha das palavras, na entonação da voz, na colocação sobre uma referência do que foi trazido por algum participante no encontro e nas referências que, durante o momento de execução, percebe que pode compor com os corpos. Portanto, todas as conduções têm certo caráter de improvisação e intuição enquanto acontecem, apesar de que nesses momentos essas chegam menos carregadas das inseguranças, visto que já pensamos de antemão sobre como

trazer parte dessa poética para a condução, desde o momento em que negociamos quem conduzirá cada momento.

Em relação as *clínicas-poéticas* que ocorreram de forma presencial, a condução contava com as possibilidades de demonstração das proposições em nossos próprios corpos, sendo comum que enquanto alguém conduzia, outra pessoa da equipe fazia a proposição para que os demais participantes se guiassem ao ver o outro executando. Ainda havia a possibilidade de que, caso algum participante tivesse dificuldades em entrar em alguma proposição, fôssemos até ele e ajustássemos suas posições, posturas em seu próprio corpo ou que repetíssemos a proposição só para ele de forma cuidadosa, mesmo sem citar seu nome ou se direcionar exclusivamente a ele. Eram comuns as proposições que envolviam nossa intervenção direta no corpo do outro, através do toque, do uso de algum objeto, da suspensão da pessoa, entre outras possibilidades. Os objetos que compunham nosso trabalho, eram levados por nós mesmo, não exigindo nenhuma preparação prévia dos participantes e fazendo com que sua surpresa durante as proposições fosse ainda maior, pois não necessariamente reconheciam de antemão com qual objeto seu corpo estava entrando em contato.

Para além disso, a presença física no espaço, a possibilidade de encostar na pele, de olhar nos olhos, de falar um com o outro, de ocupar exatamente o mesmo espaço-tempo, de não perder pequenas partes das proposições ao não depender da internet eram questões que modulavam como a condução e o acontecimento da *clínica-poética* se daria. Nas minhas experimentações, tais materialidades facilitavam o meu estado de presença durante o trabalho e a minha sensação de estar amparada pelo grupo, tanto nas disponibilidades enquanto equipe, quanto como pessoa que seria cuidada durante o processo.

Uma *clínica-poética* que pode ilustrar tais afirmações aconteceu de forma presencial no dia oito de outubro de dois mil e dezenove, da qual me recordo muito pela sua beleza. O procedimento no momento de abrir o corpo envolvia uma caminhada inicial dos participantes

pela sala, em diferentes velocidades, até o momento em que um de cada vez, ia até o espaço preparado no chão, onde havia uma espécie de um ninho e observava as imagens dos ovos de galinha no ninho, através de um caleidoscópio que se encontrava ali à disposição. Assim, escolhia e pegava um desses ovos e continuava a caminhada o sustentando em mãos. Depois disso, era solicitado que os participantes se deitassem no chão segurando esse ovo no centro do corpo enquanto recebiam uma massagem com um óleo sob a região do osso externo, em cima do peito, onde se localiza o timo, órgão ligado ao sistema imune do organismo. Então, era deixada uma pedra nesse mesmo local do corpo. Após esse momento, era conduzido que se levantassem ainda sustentando esse ovo em mãos e o levassem à boca passando a sustenta-lo dentro da boca com auxílio dos dentes.

A iminência envolveu uma caminhada bem lenta ainda com a sustentação do ovo na boca até o espaço externo da sala, local de passagem entre um bloco e outro na universidade, um lugar aberto e extenso, com árvores, grama e terra, até que encontrassem uma espécie de um novo ninho que havia sido ali preparado. Ao o encontrar, era solicitado que um por vez, deixasse de lado a sustentação do ovo, o cuspiendo junto com a baba que era criada na boca, sob este novo ninho. Já o momento de intempérie, se iniciou então nesse espaço externo, antes mesmo da pergunta a respeito de como cada um estava, por meio da observação do que pedia os corpos de alguns participantes, sendo proposto que eles quebrassem e enterrassem os ovos na terra com os pés. Quando notamos a necessidade de voltar para onde havíamos iniciado o processo para a continuação da intempérie, percebemos que seria necessário que limpássemos nossos pés, para que a sala não ficasse suja. Então propomos que cada um lavasse seu próprio pé com sabão e água na torneira que tinha logo ali, mas que depois fosse feita uma lavagem coletiva dos pés com ervas, rosas e conchas na água em um balde, formando uma fila para que quem recebesse a lavagem fosse o próximo a lavar e secar o pé do outro. Na medida em que alguém fosse lavado e lavasse, retornaria para a sala.

Nesse processo, a questão da coletividade entre as pessoas da equipe se fez muito clara, no sentido de que haviam pessoas disponíveis da equipe tanto dentro quanto fora da sala, o que dava segurança de que havia uma atenção e um cuidado aos corpos de todos os participantes, que se encontravam naqueles estados proporcionados pelo trabalho. A questão da coletividade construída entre todos participantes do grupo, se destacou no momento de lavagem dos pés uns dos outros, onde havia um silêncio absoluto entre nós, só o barulho da água no balde e nos pés nos embalava, e cada um entendia sem precisar dizer o momento de receber ou oferecer esse gesto do e ao outro. Foi esse um dos momentos das *clínica-poéticas*, em que, mais uma vez, fez muito sentido o verbo-muscular “cuidar de outro é cuidar de si”.

Tal questão da potência da coletividade enquanto grupo diante da presença ao vivo, pode ser percebida em uma *clínica-poética* que aconteceu na semana anterior a esta, no dia um de outubro de dois mil e dezenove, em que, no momento da intempérie, uma participante após ter realizado a proposição de respirar profundamente e arremessar bem longe e com força uma pedra que carregava, desatou a chorar. Então, as pessoas do grupo de forma quase que imediata a abraçaram, buscando acolher seu choro, até que foi formado um abraço coletivo de todos à sua volta sem nenhuma condução direta da equipe. Seu choro continuou por um bom tempo, ora mais silencioso, ora mais barulhento e cheio de soluços, até o momento em que cessou. Após poucos instantes, percebemos que havia se iniciado um choro de outra pessoa ali, ainda dentro daquele abraço, como se as lágrimas tivessem caminhado pelos corpos e chegado ao outro, que também precisava chorar. Ficamos ali, juntos, acompanhando o deambular do choro por mais um tempo até que ele cessasse.

Em relação as *clínicas-poéticas* virtuais, que passaram a acontecer durante o período da pandemia, tantas outras questões começaram a ser vistas no momento de sua condução e acontecimento. Diante das câmeras, não necessariamente foi possível ver todos os corpos inteiros e nem as janelas imagéticas de todos ao mesmo tempo, sendo assim necessário explorar

outras possibilidades a partir das imagens criadas nesse novo território. As conduções passaram a ser feitas de forma ainda mais detalhada, entendendo a voz enquanto um instrumento ainda mais central no trabalho. Além disso, nossa atenção precisou se voltar para o corpo, a janela e o espaço de cada participante, e para os ajustes tecnológicos das plataformas, tendo um cuidado com a comunicação entre nós da equipe por mais de um canal virtual, já que ajustes a respeito do trabalho são feitos no próprio momento do encontro sincrônico.

Inicialmente percebemos a necessidade de deixar ainda mais claro para os participantes que durante o trabalho é urgente a convocação de um estado de presença para o momento do aqui e agora no espaço da janela virtual, entendendo que os acontecimentos existentes no espaço da *clínica-poética*, atravessarão os corpos, cuidando de uma presença durante o processo. Destacamos nesse momento, o quanto é importante que cada um da equipe faça as proposições da forma compreensível, não se apegando a ideia de que existe um certo ou errado, visto que os ajustes mais específicos no corpo de cada um se tornam um pouco mais limitados de serem feitos. Outra adaptação importante, foi que solicitamos anteriormente aos participantes os objetos que são usados no trabalho, sempre buscando que esses sejam os mais cotidianos possíveis, para que todos os encontrem de forma acessível.

Em relação a questão da coletividade do grupo de todos os participantes das *clínicas-poéticas* virtuais, apesar de não termos o calor e o ao vivo dos encontros dos corpos, percebemos que há um encontro efetivo durante os processos. Tais encontros, não acontecem mais por meio do toque ou do olho no olho, mas na possibilidade de haver na sincronicidade de cada *clínica-poética* on-line a abertura para experimentar no próprio corpo e assistir as imagens do outro realizando as proposições, proporcionando experiências artísticas, clínicas e poéticas que engatam uma circulação dos afetos entre os corpos. Muitas vezes, não são feitas proposições no corpo de cada um, mas através do assistir, as sensações semelhantes e o cuidado se instalam nos corpos dos presentes. Além disso, são comuns episódios de pareamentos entre os corpos,

das falas de um sobre seu próprio processo e dessas ressonâncias darem contorno aos outros. Construimos juntos a sensação de estar presente com os participantes, mesmo com a distância física.

Tanto nos encontros presenciais quanto nos virtuais da *clínica-poética*, percebemos que há um caráter clínico da circulação dos afetos, que proporcionam aos corpos dos participantes alcançar novas composições, decomposições, vazamentos e aberturas de apetites. Aqui, afeto e afecção devem ser diferenciados. As afecções implicam necessariamente em um encontro de um corpo com outro, é aquilo que atravessa o corpo e se mantém no campo do inominável. Já afeto, que pode ser entendido como um tipo especial de afecção, se refere aos sentimentos e aponta uma passagem de um estado a outro, uma realidade a outra. Tal passagem acontece de forma confusa e complicada e é uma afirmação de multiplicidade (Yonezawa, 2013).

Por meio das relações, no encontro de um corpo com outro, pode haver uma composição de um todo em sua potência e abertura de apetites (gerando sentimento de alegria) ou uma decomposição em partes e vazamentos (gerando sentimento de tristeza). A intervenção nesses corpos e afetos, por meio das relações estabelecidas nos encontros, são capazes de determinar diretamente a potência dos corpos, ou seja, determinam tanto sua capacidade de agir, quanto sua capacidade de afetar e ser afetado. Nesse sentido nos interessa o acompanhamento da cartografia desses corpos durante os encontros, entendendo que esses podem passar por remanejamentos e recomposições através da coletividade (Deleuze, 2002).

Tais desterritorializações e reterritorializações dos corpos, por meio da sua abertura aos afetos durante as experimentações, possibilitam a criação de outras sensibilidades, temporalidades, proporcionando com que se veja o que não é visto e se diga o que não é dito. É feita uma desorganização do corpo, mas sem deixar com que ele se desmanche por completo. Dessa forma, nos encontros da *clínica-poética*, podem ser alcançadas novas intensidades e

feitas novas relações com o outro e com o mundo, processo interessante à uma promoção de saúde que é frágil, e ao mesmo tempo potente (Bom-tempo, 2015).

Em uma das *clínicas-poéticas* virtuais, já no meio do segundo semestre de dois mil e vinte, no dia cinco de outubro, durante a *intempérie*, essa conexão entre os corpos de duas participantes pode ser observada nitidamente durante uma das proposições. No início da *clínica-poética*, após a pergunta “Como você está agora?” ser disparada e ouvirmos algumas respostas, uma das participantes contou sobre a sensação de ter um buraco no peito, ao mesmo tempo que se sentia triste. Outra participante, em um momento mais final do processo, durante a *intempérie*, contou que depois da experimentação, havia começado a ter uma sensação semelhante, de um buraco no peito, de uma tristeza. Acrescentou que durante uma das proposições feitas, realização de uma dança abraçada a um travesseiro, ela havia acessado algo muito difícil, não contou o que era, mas disse que de algum modo isso se relacionava com tal sensação.

Assim, percebendo-se uma circulação de sensações semelhantes, foi proposto que a participante que sentia o buraco no peito desde o início do processo, em um ato de cuidado de si e da outra, com o auxílio de uma tesoura, rasgasse seu travesseiro por inteiro. Todos os presentes foram convidados a assistirem a essa cena, que teve uma duração prolongada, em que se percebia uma necessidade da participante de destruir o travesseiro e ao mesmo tempo observar atentamente como e o que estava fazendo. Ao fim, foi solicitado que ela juntasse alguns dos inúmeros retalhos de espumas amarelas espalhados por todo o chão de sua sala e os recolhesse em um montinho, os deixando por um momento sob o peito, aquele local onde se instalava a sensação de haver um buraco. Depois disso, ela permaneceu ali por alguns minutos enquanto eram feitas outras intervenções e ao fim do processo, as duas participantes contaram ao grupo sobre o quanto ouvir uma a outra sobre a sensação e realizar ou assistir as imagens

criadas, trouxe um contorno e certa elaboração para o que circulava. Assim se sentiam gratas especialmente uma pela outra devido a tais compartilhamentos.

Nesse sentido, o trabalho da *clínica-poética* se atenta ao quanto as singularidades são múltiplas e ao fato de que é na relação que novas possibilidades são criadas. Em nossos movimentos devemos evitar desvios nos quais por vezes acabamos realizando de propor intervenções na busca de uma profundidade ou resolução total de um sintoma que está se manifestando, visto que é na circulação e nos compartilhamentos dos afetos que há a possibilidade de cuidado. Dessa forma, quando há esse entendimento e uma confiança no grupo e no encontro para a realização do cuidado, percebemos os vazamentos e novos apetites sendo criados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, percebi o quanto o processo do trabalho em grupo e com grupo realizado no projeto *Por uma clínica-poética* pode ser analisado tanto em relação as suas linhas mais potentes e seu caráter produtivo, quanto em relação as suas linhas mais duras e até mesmo antiprodutivas. Essas duas forças podem ser entendidas como importantes dentro dos processos grupais construídos, na medida em que são analisadas, gestadas e transformadas, buscando uma não limitação do trabalho do grupo e não imobilização em si mesmo.

Em relação a dimensão dos processos grupais da equipe analisados na pesquisa, percebe-se que a aposta nos estados corporais de cada um, em conjunto, levando-se em consideração todas suas presenças, inseguranças, disponibilidades, receios e apetites, nos levam a criação de processos artísticos-clínicos únicos a cada encontro, ora mais arte, ora mais clínica, que apenas alcança um nível de potência e acontecimento, pois é perpassado por essas multiplicidades de um encontro coletivo. Ao mesmo tempo, no aproveitamento dessas multiplicidades, para o trabalho em equipe na *clínica-poética* urge que ao longo da construção

do trabalho exista uma abertura a comunicação, autoanálise e autogestão, alinhando-se as homogeneidades e heterogeneidades, fazendo com que estas encontrem seus lugares dentro do trabalho.

Foram comuns movimentos em nossas relações de, nos momentos necessários, observar, compartilhar e cuidar de inseguranças ou medos que nos levavam a um desvio da proposta de habitar uma zona de risco e alcançar uma circulação dos afetos; movimentos de desconstrução de uma rigidez ao olhar para isso que destoava; movimentos de aproveitamento do que cada um poderia oferecer; ou até mesmo movimentos de aceitação da necessidade de pausas. Nos propormos a sermos acompanhados, a nos comunicarmos a respeito das nossas próprias relações e a nos integramos diante das multiplicidades e dos dissensos. Assim, nos deparamos com o quanto muitas vezes esses movimentos são difíceis e urgentes para construirmos um espaço de clínica, arte e vida que nos interessa.

Em relação a dimensão da pesquisa sobre os processos grupais dos participantes, percebe-se que na medida em que pareamentos são identificados ou que sintomas se sobressaem é interessante um investimento no fluxo do que o grupo vai modulando, tendo em vista que é necessário mais apostar no grupo do que em um aprofundamento individual. Além disso, entendendo que uma situação crise vivenciada, mesmo sendo um momento de risco e delicado, pode nos revelar e redistribuir forças que estão em jogo, podendo ser assim um momento potente para fazer uma abertura dos corpos à novas relações com a vida (Pelbart, 2013), diante desse fluxo, nos interessa mais ir em direção a uma deformação, que pode ou não depois ser contornada pelas relações, do que buscar um apaziguamento das aberturas e diferenças que são construídas no encontro.

Tanto no espaço presencial quanto no virtual, percebe-se que há um encontro entre os participantes do grupo, diante da convocação de um estado de presença e da circulação das afecções corporais. Desse modo, mais uma vez, percebe-se que a aposta nas intervenções das

forças circulantes, mesmo em um grupo de pessoas que não se conhecem ou que não esperam de antemão o quanto suas individualidades são coletivas, potencializam a efetivação de uma *clínica-poética* que nos interessa, enquanto um acontecimento.

REFERÊNCIAS

- Agostinho, L. D. (2020). Guatarri e a psicoterapia institucional. *Revista Ágora*, 13 (1), 2-11. doi: <https://doi.org/10.1590/1809-44142020001001>
- Baremblytt, G. F. (2002). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática* (5 ed.). Belo Horizonte, MG, Brasil: Instituto Félix Guattari.
- Barros, L. P. de & Kastrup, V. (2009). Cartografar é acompanhar processos. In E. Passos, V. Kastrup & L. Escóssia. (Org.), *Pistas do método da cartografia* (pp. 52-75). Porto Alegre, RS, Brasil: Editora Sulina.
- Bom-Tempo, J. S. (2015). *Por uma clínica poética: experimentações em riscos nas imagens em performance*. [Tese de Doutorado, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas]. Campinas, SP, Brasil.
- Clark, L. (1980). Breve descrição dos objetos relacionais. In S. Rolnik (Colab.). *Funarte*, coleção ABC. Recuperado de: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/descricao relacionais.pdf>
Acesso em 5 de outubro de 2020.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa: Filosofia Prática*. D. Lins & F. P. Lins (Trad.). (Trabalho original publicado em 1981). São Paulo, SP, Brasil: Editora Escuta.
- Deleuze, G. (2004). *A ilha deserta e outros textos: textos e entrevistas*. D. Lapujade (Ed.). (Trabalho original publicado em 2002). São Paulo, SP, Brasil: Editora Iluminuras.
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e clínica*. P. P. Pelbart (Trad.). (Trabalho original publicado em 1993). São Paulo, SP, Brasil: Editora 34.
- Deleuze, G. (1999). *Bergsonismo*. L. B. L. Orlandi (Trad.). (Trabalho original publicado 1966). São Paulo, SP, Brasil: Editora 34.

- Deleuze, G. & Guattari, F. (2010). *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. L. B. Orlandi (Trad.) (Trabalho original publicado em 1972/1973). São Paulo, SP, Brasil: Editora 34.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1980) *Mille Plateaux: capitalismo et schizophrénie*. Paris: Les éditions de minuit.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1996). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (Vol. 2). A. G. Neto, A. L. de Oliveira, L. C. Leão & S. Rolnik, (Trad.) (Trabalho original publicado em 1980). São Paulo, SP, Brasil: Editora 34.
- Francisquetti, P. P. (2015). Arte, clínica e guerrilha: “the wall, the war”. *Cadernos de Subjetividade*, 12 (18), 183-194. doi: <https://doi.org/10.2354/cs.v0i18.38753>.
- Galindo, D., Lemos, F. C. S., Nascimento, C. C. G., Souza, de L. L. & Nascimento, R. D. S. (2017). Intuição para Bergson e Deleuze: atravessamentos por devires da pesquisa em Psicologia. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, 21 (2), 277-283. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539201702121114>.
- Kastrup, V. (2009). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In E. Passos, V. Kastrup & L. Escóssia (Org.), *Pistas do método da cartografia* (pp. 32-51). Porto Alegre, RS, Brasil: Editora Sulina.
- Rolnik, S. (2006). *Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia*. Recuperado em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/terapeutica.pdf>. Acesso em setembro de 2020.
- Rolnik, S. (1993). Pensamento, corpo, devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, 1 (2), 241-251. doi: <https://doi.org/10.2354/cs.v1i2.38134>.

- Romagnoli, R. C. (2014). O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. *Revista Psicologia e Sociedade*, 26 (1), 44-52. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100006>.
- Simonini, E. & Romagnoli, R. C. (2018). Transversalidade e esquizoanálise. *Psicologia em Revista*, 24 (3), 915-929. doi: <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n3p915-929>.
- Pelbart, P. P. (2013). *O avesso do niilismo. Cartografias do esgotamento*. São Paulo, SP, Brasil: n- 1 editora.
- Orlandi, L. B. L. (2004). Morada do ente. In D. Lins & P. P. Pelbart (Org). *Nietzsche e Deleuze- Bárbaros e Civilizados*. (pp. 119-129). São Paulo, SP, Brasil: Annablume Editora.
- Torralba, R. (2014). A fantasmática do corpo de Lygia Clark : interfaces entre arte e clínica. *Cadernos de Subjetividade*, 1 (16), 187-198. doi: <https://doi.org/10.2354/cs.v0i16.38545>.
- Yonezawa, F. H. (2013). *O bailarino dos afetos: corporeidade dionisiaca e ética trágica em Deleuze e na companhia de Nietzsche*. [Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia Ciência e Letras de Ribeirão Preto da universidade de São Paulo]. Ribeirão Preto, SP, Brasil.

ANEXO I**DECLARAÇÃO**

Eu, _____, portador (a) do CPF _____ declaro, para os devidos fins, que autorizo Marina Queiroz Corrêa, portadora do CPF 128.602.326-21, e Juliana Soares Bom-Tempo, portadora do CPF 070.227.696-05 e CRP 23618/04 a utilizar relatos referentes a minha participação enquanto equipe, acompanhante e/ou participante nos encontros ligados ao projeto de extensão *Por uma clínica-poética*, dentro do período entre agosto de 2019 até dezembro de 2020, visto que meu anonimato seja garantido. Tal autorização é garantida no Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Psicologia que tem como objetivo analisar o funcionamento de processos grupais que se constituem nas relações da equipe de trabalho e dos participantes antes, durante e depois da realização dos procedimentos e operação dos manejos da *clínica-poética*, bem como em publicações futuras do texto.

Assim sendo, firmo o presente,

Assinatura

Uberlândia, ____ de dezembro de 2020.